

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Fernanda Pimenta Nunes

registada em 2008-09-10
por

Jenny Campos e Hugo Pereira

Fernanda Pimenta Nunes

Fernanda Marques Pimenta Nunes nasceu na Teixeira, no dia 21 de Março, há 77 anos. O pai chamava-se Mário Pimenta. Trabalhava na fazenda e era barbeiro. A mãe chamava-se Maria dos Anjos Marques. “Trabalhava nas fazendas, com os bichos, com os gados, a arrancar batatas, a semear feijão e aquelas coisas assim.” Teve dez irmãos, quando Fernanda “lhes podia bater, batia-lhes”. A mãe vendia peixe e pão, depois Fernanda também começou a vender pelas terras, mas o que queria era brincar. Não a deixaram andar na escola porque era a mais velha e tinha de tomar conta dos irmãos enquanto a mãe ia para a venda. Começou a ajudar os pais desde pequena. Mais tarde foi para Lisboa, para casa da tia Elvira, que lhe arranjou umas casas para ir servir. Depois foi trabalhar para uma tabaqueira, empregou-se quando “ainda se podia entrar para a fábrica sem saber ler”. Nunca namorou ninguém, além do marido, com quem casou contra a vontade da família. O filho nasceu quando Fernanda tinha 29 anos.

Índice

Identificação Fernanda Marques Pimenta Nunes.....	4
Ascendência Maria dos Anjos Marques e Mário Pimenta.....	4
Infância Em criança.....	5
Educação Era a mais velha e não fui à escola.....	9
Religião A missa aos Domingos.....	9
Casa A casa era de três pessoas.....	9
Namoro "Marcávamos e eu lá ia numa fugida".....	10
Casamento Um amor contra tudo e contra todos.....	11
Descendência O meu filho é um espectáculo.....	12
Lugar Monte Frio.....	14
Costumes "Era muito traquina".....	16
Quotidiano Passado e presente.....	17
Migração A Fernanda em Lisboa.....	19
Ofício	19
Sonhos As minha netas e bisneta.....	22
Avaliação "Engraçado e importante".....	24

Identificação *Fernanda Marques Pimenta Nunes*

O meu nome é Fernanda Marques Pimenta Nunes. Nasci na Teixeira, no dia 21 de Março. Tenho 77 anos.



Fernanda Marques

Ascendência *Maria dos Anjos Marques e Mário Pimenta*

O meu pai chamava-se Mário Pimenta. Trabalhava na fazenda e era barbeiro! Ia às terras: a Relvas, à Teixeira e ao Porto Castanheira. Chamavam-no:

- "Diz ao tio Mário que venha cortar o cabelo. Tenho que ir à festa tal dia."

Coitadinhos, ficavam parece que tinham despejado uma tigela na cabeça, quando cortavam o cabelo. Também era o meu pai que cortava o cabelo aos meus irmãos. Aquilo nem era cabelo cortado! O que era rente ficava bem mas, o

que era era aparado, ficava um bocadinho mal. A minha mãe chamava-se Maria dos Anjos Marques. Trabalhava nas fazendas, com os bichos, com os gados, a arrancar batatas, a semear feijão e aquelas coisas assim. A fazenda era de roda da casa, na Teixeira. A minha mãe era boa. Era calma.



Maria dos Anjos e Mário Pimenta, pais de Fernanda Nunes

Infância *Em criança*

"A mais velha sou eu"

Eu tinha dez irmãos: o meu irmão Fernando, o Mário, a Zulmira, a Arlinda, o Zé e duas morreram. Era Lucinda e outra era Maria de Deus. A mais velha sou eu!

Quando eu nasci, a minha mãe era assim para mim:

- "Ai filha, tu quando nasceste, na freguesia da Teixeira, era a menina mais bonita que havia!"

E eu digo assim:

- Olhe, para eu ser a mais bonita, como é que as outras não eram!

Melâncias, porcos e galinhas

A relação com os meus irmãos era engraçada. Quando eu lhes podia bater, batia-lhes, porque eles faziam queixa à minha mãe do que eu fazia! Uma vez tinha um cado à porta e umas melâncias. E a minha mãe, que andava a semear feijão, disse-me assim:

- "Ó Fernanda, vai lá a casa e traz-me as tigelas que é para se ordenhar aqui as cabras, para a gente comer."

Eu vou para lá e levava pão para comermos que aquilo era bom, e vou muito quietinha, mas já levava a minha fígada! Havia umas malas antigas de enxoval, com folhas por fora. Uma das folhas estava partida e eu passo por aquela mala, e corto uma perna. Ainda tenho o buraco. Tiro um lenço, que levava na cabeça, e amarrei a perna muito bem amarradinha, para não deitar muito sangue. Para onde é que eu havia de ir? Arrancar uma melancia, nem estava madura nem nada. Não pude comê-la e fui pô-la ao porco. Cheguei à beira da minha mãe e disse-lhe:

- Olhe desarranjei uma perna!

- "Olha p'ra esta rapariga! Ai, meu Deus! Esta rapariga só faz assim estas coisas."

À noite viéramos para casa. A minha mãe tratou-me da perna e o meu pai vai lá às melâncias e não as vê! Diz ele assim:

- "Ouve lá! Tu vieste aqui às melâncias?"

-Eu não! Não fui.

- "Então, quem é que vinha aqui às melâncias?"

A minha mãe vai para pôr o comer ao porco, e o porco não tinha comido as melâncias, estavam lá as cascas! Eu quando vejo o meu pai a vir direito a mim, só tive tempo de subir umas escadas, para umas terras. Já não vim para casa com medo dele. Começa a anoitecer e eu com muito medo. Disse o meu pai para a minha mãe:

- "Se vocês lhe abrirem a porta, vocês vão ver ..."

Lembro-me que estava uma lua bonita. Eu olhava para um lado, olhava para o outro e havia lá um galinheiro ao lado da casa. Não fiz mais nada, empurro as galinhas para um lado e meti-me lá. De manhã, a minha mãe diz para a minha irmã:

- "Ó Zulmira, vai abrir a porta à tua irmã."

Que era uma tranca por dentro, de um canto ao outro.

- "Ela tem que ir daí ao pai. Ele dá-lhe uma tarefa que não queiras saber!"

Eu ouvi aquilo, meto-me naquela porcaria das galinhas. Apanhei uma infecção nas minhas pernas ... Quando entrei em casa onde eu pus os pés era só pegadas das porcarias das galinhas! Fui-me meter na cama, ao pé da Maria Arlinda, que era a mais nova. De manhã, diz assim a minha mãe:

- "Fernanda! Levanta-te para ires ao mato. Olha o teu pai!"

O meu vai para me dar com o cinto, porque eu era teimosa. Era ele assim:

- "Ó Maria, anda cá! Então a tua filha está toda borrada? Então mas o que é que se passa aqui nesta cama?"

Eu tinha-me metido assim na cama. Éramos pobres mas assim de porcaria não dormíamos. Mas naquele dia com medo do meu pai. Mas mesmo assim apanhei uma tarefa, que me consolei!

O meu irmão Fernando



Maria dos Anjos, mãe de Fernanda Nunes (à dir.) no casamento do seu filho

Uma vez a minha mãe cozeu a broa e o meu pai não gostava que cortassem a broa aos murros, aos bocados. A minha mãe coze a broa e o meu irmão Fernando agarra numa broa debaixo do braço, e vai para o mato. O meu pai passa por ele e disse-lhe assim:

- "Assim já funde!"

O meu pai era assim muito engraçado! Depois ele com medo do pai não vinha para casa. Para o pai não lhe bater, pôs por dentro das calças bocados de cortiça, dos cortiços das abelhas, que era para quando ele fosse a bater, não lhe doer. Nunca mais esqueço isso! Começam-lhe a cair aqueles bocados de cortiça no chão. Coisas que a gente passava! E ele nem gostava nada do meu pai. Esse meu irmão teve uma falha qualquer... Até aos 17 anos foi assim um bocadinho duro. Só fazia era mal. Depois faziam queixa ao meu pai, que ele corria as pessoas à pedra. Era com cavalos para o padre, o padre para um lado, era os cavalos para o outro. Era assim. Eu achava tanta graça àquilo!

"Parecia que até se via a banha"

Às vezes lembro-me de quando eu fazia asneiras. Uma altura disse assim à Zulmira:

- Ó Zulmira, sobe para cima desta tábua, e vai buscar azeitonas para a gente comer.

Ela subiu mas por cima não era tapada, e vira por o outro lado, para baixo. Estava um prego muito grande espetado. Ela esbarra a barriga ali. Ai, fez um golpe na barriga tão grande, parecia que até se via a banha! E depois a minha mãe bateu-me, claro! Via a filha assim. Apanhava tareia que eu sei lá! Eu também era o diabo em figura de gente quando era pequena. A minha neta Rita é como eu. Às vezes digo assim:

- Ai Rita, tu foste mesmo buscar a tua avó, tal e qual!

Eu tinha muito medo das coisas. Quando começava a anoitecer, eu queria era ir para casa! Um dia a minha mãe mandou-me ir à loja mas, não havia luz, era tudo escuro. A gente saía da nossa casa só com candeeiros a azeite e a petróleo.

- "Vá buscar azeite!"

- Não vou! E não vou!

E a minha mãe dá-me com uma colher de pau na cabeça, partiu-a logo a meio. Ainda às vezes digo assim:

- Ó mãe, e quando você me bateu por eu não querer ir para buscar o azeite? E fui... Bateu-me e depois tive que lá ir! Com um candeeirito na mão. Era tudo escuro. Só se via estrelas, e a lua quando havia.

A minha mãe vendia sardinhas, e outros peixes. E ela, coitadinha, tirava só meia dúzia de sardinhas para nós. E também vendia pão. Depois também comecei eu a vender. Ela mandava-me às terras...

- "Olha vais ao Casal Novo, à Mata. Vai lá que há lá pessoas que querem pão."

E eu ia. Eu bem queria brincar, mas a minha mãe é que mandava fazer as coisas. Depois eu começava a chorar. Desses tempos de brincadeiras lembra-me que me entretinha com qualquer coisa. Ia deitar as cabras. Cavava um bocadinho de terra assim no mato ou onde elas estivessem ou na fazenda. Levava feijões e milho e semeava. E depois ficava toda contente quando eu ia lá ver que eles já tinham nascido. A gente também mandava pedras para a ribeira. Eram estas brincadeiras assim.

Educação *Era a mais velha e não fui à escola*

Não andei na escola porque a minha mãe não me deixava ir. Eu era a mais velha e não fui. Tinha os miúdos pequeninos. A minha mãe tinha a venda dela também. Ia para aqui e para ali e assim. Também eu tinha que ficar sempre ali em casa. E ainda eu me empreguei, que ainda se podia entrar para a fábrica sem saber ler.

Religião *A missa aos Domingos*

Eu nunca fui à doutrina, mas ia à missa aos Domingos de manhã. E gostava bem de ir à missa! Via-se mais pessoas juntas. Iam de Porto Castanheiro, iam de Relvas. A minha mãe, muitas vezes, não me deixava ir. Uma vez disse a minha mãe ao meu irmão:

- "Olha, hoje um tem que ir deitar o gado.
- "E tu vai ali passar umas calças para irem à missa."

Arranjáramos uma guerra tão grande! Eu a mais ele. Despejámos umas batatas que a minha mãe tinha a cozer de roda da fogueira. E depois a minha mãe bateu nos dois. Não fomos à missa porque tivemos de ir deitar o gado.

Casa *A casa era de três pessoas*

Lembro-me bem da casa dos meus pais. Agora até já a compraram. Era no meio de Relvas e da Teixeira. A casa era de três pessoas. Era dos meus tios. Uma tinha o primeiro andar, por cima era a minha tia, para baixo era da minha avó, chamava-se Delfina, e meu. Quando eu tinha 11 anos houve um ciclone, andavam aquelas lajes pelo ar e a gente no andar de cima, que não era forrado. Pinheiros a cair, aquilo tudo! Onde a gente estava eram dois quartos, era a cozinha e era uma sala grande. A minha avó também, em baixo, tinha dois quartos, tinha uma espécie de uma despensa, e também uma sala grande. E depois

o meu pai é que acrescentou a casa. Fez uma sala e dois quartos. Tinha um quintal muito jeitoso. Tinha uma fogueira para a gente se aquecer, forno para cozer a broa. Dormíamos aos pares. Eu era com a minha irmã Maria Arlinda.

Namoro "*Marcávamos e eu lá ia numa fugida*"

Eu nunca namorei mais ninguém, que não o meu marido! Começámos a namorar nos bailes, nos bailaricos, depois encontrávamo-nos e falávamos. Mas ele era muito mulherengo e nunca tinha assente. A minha tia quando soube que namorávamos não queria. Nunca namorei assim com ele sossegado. Às vezes, marcávamos e eu lá ia numa fugida para um lado e para o outro num bocadinho, para falarmos. Uma vez, fui provar um vestido. Ele disse à minha prima Palmira:

- "Olha, ela vai aí, vai provar um vestido."

Era o dia da minha saída. De 15 em 15 dias saía. Ia para casa da minha tia, mas eu disse à minha tia que ia provar o vestido, como fui. Eu chego lá e ele diz-me assim:

- "Oh, que é que a gente está aqui a fazer? Podíamos ir até ali a casa duma tia que eu tenho ali."

E eu disse:

- Eu não vou. Eu não vou para lado nenhum. Nem para tia nem para tios. Vou provar o vestido, depois tenho que lá ir a casa. A minha tia depois começa-me a matar a cabeça!

Ele não faz mais nada.

- "Então, se não queres, arranja a tua vida que eu arranjo a minha!"

E vira-me as costas! Ai, chorei tanto, tanto! Ainda fui provar o vestido e depois era a minha prima:

- "Que é que tu tens hoje? Tu não estás boa."

- Não tenho nada. Foi a minha tia.

Mas nada de dizer. Venho-me embora e entrei em casa da minha tia.

- "Então já lá foste provar o vestido?"

- Já.

Vim-me embora! Nada de dizer à minha tia o que me tinha acontecido. Noutro dia diz-me a minha prima:

- "Olha que o Luciano quer falar contigo."

- Agora como é que eu vou fazer isto?

Depois lá marquei. Foi uma quinta-feira, era a folga dele. Lá fôramos para a porta da Igreja de Santa Engrácia. Eu era menor, tinha 21 anos e não tinha ninguém que me ajudasse... Eu não era capaz de escrever para ele porque não sabia escrever e também não ia pedir. Depois falei com ele e ele disse:

- "Vamos casar!"

E eu disse:

- Então mas agora como é que eu vou casar se eu sou menor?

Casamento *Um amor contra tudo e contra todos*



Fernanda e Luciano Nunes

O meu marido escreveu uma carta ao meu pai para namorar comigo. E ele escreve-lhe outra carta a dizer que antes me queria ver dentro de um caixão, que namorar ou casar com ele. Mas a gente nunca mais ligáramos àquilo. Depois a minha tia também não sabia, porque não me deixava casar com ele. Fiz o casamento. Podia tê-lo feito como devia de ser! É verdade! Mas, estou casada, ele é bom, lá tem estas birritas dele mas eu posso fazer o que quiser. Também não faço nada que não se possa ver, nem que não se possa saber. E então depois eu disse:

- Então como é que eu vou casar?

Por registo. Fui a casa da minha prima. Tinha um vestido de seda com umas flores lilases, muito jeitoso. Ele ia com um fato azul escuro. E casei. Fiquei em casa da minha prima Palmira. Ela arranjou-me lá um quartozito. Ali estive até começar a desenvolver a vida. Depois fui para uma casinha muito pequenina, e

ainda lá criei o meu filho até aos 10 anos. Quando a minha tia soube que estava casada e que os meus patrões foram meus padrinhos, chorou que se matou.

Descendência *O meu filho é um espectáculo*



Fernanda Nunes (à esq.), Luciano Nunes (à dir.) e Clotilde (2.^a da esq. p/ dir.) madrinha de Armando Nunes (ao colo), durante o seu baptizado (1961)

O meu filho nasceu tinha eu 29 anos. O meu filho Armando foi criado, até aos 3 anos, na creche da tabaqueira. Ele é um espectáculo, aquilo "não há pai para ele". É muito bom filho, muito bom marido, muito bom pai. É um pai galinha, que aquilo é uma coisa parva. Onde ele está, é um céu aberto. O Luciano batia-lhe tanto quando ele era novo, mas agora ele diz assim:

- "Não me importa que o meu pai me batesse e me chamasse à atenção. Estou muito contente de ele me fazer isso."

Uma vez, deixou-o ir para o baile de Santo António. Deu-lhe o prazo de uma hora. À uma hora queria-o em casa. Eram quase três e ele sem vir. Eu em pulgas. Digo assim:

- Ai o meu filho? Onde é que ele está?

O meu marido viu que eu que estava assim. Levanta-se, vai-se sentar à porta. E lá vem ele. Não lhe disse nada. Ele depois contou-me:

- "Ai mãe. Olhe, eu tive tanto medo, tanto medo, que eu encolhi-me todo!"

Meteu-se logo na casa de banho. Eu digo assim:

- Bem, ele não lhe deve bater!

E ele ao outro dia:

- "Soubeste a que horas é que vieste?"

- "Soube. Desculpa lá. A gente entreteve-se e aquilo tudo. Isto não torna a acontecer."

O meu filho sai ao meu lado mas é parecido com o pai.



Luciano Nunes com o filho Armando Nunes, com 4 anos

O meu filho entrou num filme e eu era assim para ele:

-Ó Armando, ai tu estavas tão mal vestido na televisão.

- "Eu? Então eu levava uma camisola que era do filme e está-me a dizer que eu que estava mal vestido?!"

- Pois! Cortaste o cabelo tão rente, pareces uma melancia, a tua cabeça!

E ele assim:

- "Realmente isto é que me dá uns "amens"!"

- Estás a ver ali o teu colega a dançar ali com a locutora. Parecia um boneco, ali todo fino. E tu...

- "Ai, não me importa!"

Depois começou a dançar e aquilo tudo. Parece que foi à Suíça, por causa do filme. Não sei lá no que aquilo vai dar. Eles morrem por ele. Andam sempre atrás dele.



Nora Eulália Pimenta e filho Armando Nunes, no baptizado de uma sobrinha

Lugar *Monte Frio*

A água chegava aos campos por pocinhas. Fazia-se tanques, com nascentes e faziam-se aquelas poças. Depois a gente tinha de deitar a água para os campos. Mas água havia sempre porque era uma espécie de ribeira. A água era sempre nossa, que a gente estava ali sozinhos. E púnhamos água para o milho, e para as batatas.

Depois vinha a vindima. Toca a vindimar. A vindima era carregar com carregos para casa, depois o meu pai esmagava aquilo para uma dorna, que era para o vinho ferver e depois tirar para os pipos. Já estava assente e aquilo tudo. Não vendíamos o vinho. Não dava. Dava só para dar e assim, nunca vendiam. Agora é o meu marido que pisa o vinho!

"A aldeia agora está muito diferente"

A primeira vez que eu vim a Monte Frio isto era só carcaças. Não tinha casas como agora. A minha casa é pequena, não está grande coisa, mas para mim serve. Lembro-me que eram muito pobrezinhos mas agora, ao fim de terem as reformas, é que isto levou uma volta. As pessoas eram humildes. Antigamente isto era tudo cultivado e agora está quase tudo seco já com mato mas vivemos bem dentro do possível. A aldeia agora está muito diferente. Fizeram muitas casas e um largo enormíssimo também. Antigamente não havia luz e a estrada não era assim como é, era toda sem ser cimentada.

A festa do Menino Jesus Milagroso

O santo cá da terra é o Menino Jesus Milagroso mas há mais santos. Aquele é que é o santo da festa! Este ano a festa não foi grande coisa, porque não havia homens para isso. Só mandaram vir um conjunto. Antigamente pela manhã deitavam a alvorada, mas agora por causa dos fogos não podem. Depois vem a procissão com os andores enfeitados. São as raparigas que pegam nos andores porque são pequeninos, as imagens são pequenas. Depois é o leilão. É o meu filho que o faz. Um leilão é quando, por exemplo, um dá uma garrafa, outro dá isto, outro dá aquilo e alguém pergunta:

- "Quem dá mais? Quem dá mais?"

- "Dez!"

O outro quer ficar, dá mais. O dinheiro que se dá é para a Comissão, para acabar as obras que ainda estão ali por fazer na casa. Nem enfeitaram as ruas nem nada. Fizeram foi karaoke, uns cantam bem, outros cantam mal. Aquilo tudo dá para rir. Depois dançaram e foi assim que se fez a festa este ano.

Gastronomia

A comida típica daqui é a cabra. Vem um homem matar as cabras e uma pessoa quer isto, outra quer aquilo, outra quer uma metade, outra quer inteira.

No primeiro ano que eu vim cá, não fiquei assim muito acostumada. Disse assim para o homem:

- Olha, eu quero uma cabrita. Não é preciso ser muito grande.

Quando a estava a matar viu que estava cheia e os bichos a pularem dentro dela. Nunca mais!

Doces típicos é a tigelada, é os coscoréis, são aquelas filhoses assim grandes, redondas. Feitas de farinha e ovos. Também fazem as esmagadas. São boas. Vão ao forno e cozem com a broa.

O Natal e o Ano Novo

O Natal aqui é muito pobrezinho porque as pessoas metem-se em casa. No dia de Natal a comida é a hortaliça com o bacalhau e as filhoses ou o bolo. No outro dia é carne e também chanfana. A chanfana é feita de cabra, que é mais dura e leva mais tempo no forno. Mas fica muito boa. O dia de Ano Novo é que já é outra coisa. Cada um espalha-se aí por todo o lado. É tampas a baterem, é tambores, é tudo. Às vezes fazem bailarico.

Gostava que no Monte Frio estivessem mais pessoas novas. Está tudo velho. Vai-se tudo embora. Depois os que vão já nem querem saber disto para nada.

Costumes "*Era muito traquina*"

A minha mãe passou muito para fazer o jantar para aqueles filhos todos. Era a sardinha partida em três bocados, um para cada, um bocado de broa e uma tigelinha de sopa. E então quando eu dizia assim:

- Ó mãe, eu queria a cabeça!

O outro dizia assim:

- "Hoje é para mim!"

Eu queria a cabeça porque comia mais broa com ela! Agora só se comem os lombinhos, já não se come mais nada. Numa altura, não comi a cabeça e bateu-me por eu ser má e estar a fazer desacatos com os meus irmãos. Era assim. Mas a gente não passava mal. Matávamos um porco por ano e tínhamos enchidos, carne e assim. E, às vezes, quando vinham pessoas para cavar a terra, que a minha mãe chamava porque tínhamos muita terra para cavar, para arranjar e semear, ela cozia bacalhau com grão. Aquilo era um cheirinho. E então eu era assim:

- Ai mãe, ai que cheirinho!

- "Ó filhinhos eles comendo, se sobrar vocês comem, se não sobrar..."

Era assim a vida que a gente tinha.

"Zuca, zuca, zuca, zuca"

Eu era muito traquina. Muito amiga de brincar. Uma vez os meus irmãos estavam todos doentes! Eu gostava de tratar do gado. Tirar o esterco dos currais, para as fazendas. E eu não faço mais nada, agarro, levanto-me e levo um bocado de comer para pôr aos bichos. Caí de uma parede abaixo, para cima de um mato, espetei-me toda. Estive tão doente... Veio o barbeiro, era um homem de Fajão. Veio-me ver, e com uma faquinha, nas minhas costas, parece que ainda estou a ver a pontinha da faca a cortar-me, zuca, zuca, zuca, zuca! Puseram-me umas ventosas (eram uns copos que eles punham) e depois dizia para a minha mãe:

- "Olhe, não dê comer à sua filha!"

Foi assim. Foi como um médico, dizia a minha mãe. Eu comecei a deitar sangue da boca. Fiquei com a febre por me ter levantado para ir tratar dos bichos. Mas fiquei melhor.

Quotidiano *Passado e presente*

Antigamente tínhamos cabras. Eu tinha uma cabra especial, chamava-se Briosa! A minha mãe dizia assim:

- "Ó Fernanda, vai tratar das cabras e traz o leite."

Mas aquela cabra era diferente, olhava logo para mim para ver se eu tinha alguma coisa no bolso. Eu mostrava-lhe um bocadinho de broa, dava-lhe e ela comia. Ela já sabia que eu ia mamar o leite e abria as pernas. Ai! Era tão bom aquele leite tão quentinho! A minha mãe era assim:

- "Tu derrubaste o leite!"

E eu:

- Foi ela. Ela escoucinho. Atirou-se ao ar.

- "Tu tens uma cabeça boa!"

O primeiro leite dela era para mim. Nós ainda tínhamos ovelhas e o meu tio também tinha lá gado. Ele comprava o gado e a gente criava e depois era metade para cada um. Era assim. O meu tio dizia:

- "Vens cá para Lisboa, já lá não há mais gado."

Mas eu gostava tanto. Uma vez levei uma marrada de um carneiro que fui parar em cima de uma figueira! Ai, ele deu-lhe uma tarefa! O que vale foi a figueira que me segurou!

Com o leite que tirávamos às cabras, quando era muito, fazíamos o queijo. Eu nunca fiz queijo, mas a minha mãe fazia. O que eu mais gostava era quando ela acabava de fazer o queijo daquele leite! Saíam aqueles bocadinhos do queijo, gostava muito daquilo com a broa.

Para fazer o queijo é com uns acinchos em redondo, quando o leite está coalhado. Punha-se lá o coalho para ele ficar assim fofinho, que é para tirar e depois punha em cima de uma mesa. Calcava, calcava, calcava. Até ficar o queijo. Depois quando ele estivesse cheio punha a secar. Demorava bastante tempo a secar. Tinha que se virar de um lado e do outro e para isso havia umas queijeirazinhas. O queijo era mais maciozinho quando era misturado o leite de ovelha e de cabra. Depois as cabras e as ovelhas ficavam cheias e nessa altura já não tínhamos leite. Só quando elas pariam, é que a gente ia buscar outra vez o leite para os queijos. O queijo que a minha mãe fazia era para a família comer e para dar, às vezes, ou se dava um queijinho, ou um litro de azeite, porque o meu pai era lagareiro. Estava lá o lagar ao pé. Graças a Deus, azeite tínhamos bastante. E era aquilo assim que gente comia, isso e a nossa sopinha com o bocadinho da carne, gorda, em cima da broa.

Também apanhei azeitonas e gostava muito de ir quando o meu pai estava a fazer o azeite. Que ele fazia para aquela terra toda. O meu pai fazia lá o azeite e depois coziam o bacalhau com aquelas couves, aquelas batatas, com muito azeite numa gamela. A gente consolava-se.

Comecei a ajudar os meus pais logo. Então, pois. A gente está ali, é logo. Uns vão deitar o gado para a rua, outros vão ao mato, outros vão à erva.

- "Amanhã está a chover, tens que ir ao comer para o gado, para se pôr na palheira por cima."

Comecei pequenina. Agora também trabalho no campo, mas só quando é para semear. No outro dia, o meu marido foi a Arganil, trouxe dois centos de couves. Fui lá pô-las com ele, que é para o Inverno, para comermos no Natal, e estava tudo cheio de feijão. Tenho feijão-verde que é uma coisa parva! Semeámos as batatas depois ele tirou-as e semeou feijão. Gosto de ir para o campo porque há coisas que eu vou lá e ponho-as a direito.

Agora levanto-me de manhã e pareço mais um farrapo, por causa dos meus ossos. Depois lá começo a andar para um lado e para o outro. Comemos o pequeno-almoço. Vou cortar as couves para as minhas galinhas. Lavo a louça do café, e venho para cima para arrumar as coisas. Depois vem o almoço. Às vezes, o meu marido safa-se lá para cima sem levar o pequeno-almoço, que ele está a tomar uns comprimidos que está aí como um menino, tenho que tomar conta

dele. À tarde, vou para a Comissão um bocadinho. Depois venho para baixo, fecho as galinhas e vou fazer o meu jantar. Comemos e o Luciano vai para a cama, mas eu não. Eu fico para ver as telenovelas e, às vezes, faço renda, fico entretida. Chega-se quase à meia-noite, vou beber um copo de leite, ou comer um bolinho ou uma coisa qualquer, depois deito-me. A minha vida é assim.

Migração *A Fernanda em Lisboa*

Electricidade em pó

Quando fui para Lisboa, fui para casa da minha tia Elvira. A adaptação a Lisboa começou logo com o meu tio a mandar-me ir buscar 10 tostões de electricidade em pó. Foi logo! E eu tão parva, vou a um homem, que até era de arranjar as panelas.

- Olhe, o meu tio diz para me dar 10 tostões de electricidade em pó!

Diz assim o homem:

- "Quem é o seu tio?"

- É aquele senhor ali em baixo o tio António.

- "Ah! Olhe, diga ao seu tio que agora não tenho cá mas amanhã arranjo-lhe a electricidade."

- "Oh, até admira!"

Diz o meu tio que se começou a rir! Essa foi a primeira que logo me ficou para eu despertar.

Ofício

Uma galinha na alcofa

A minha tia arranjou umas casas para eu ir servir. Uma vez fui servir para uma senhora, lá do Alentejo, era na Rua das Beatas. Eu nunca tinha visto tanto magala, ia a subir a rua e vi os magalas a marcar o passo, de um quartel para o outro. Ainda usavam aquela farda cinzenta, com aqueles coisos de bico. Então, eu vou com ela para a Praça da Figueira, ela compra uma galinha e põe a bicha dentro de uma alcofa. A galinha, não sei como é que ela desatou as pernas, foge-

me. Para onde é que ela havia de ir? Havia uns urinóis, com umas escadas para as senhoras e para os homens. A galinha enfia-se-me por ali abaixo e eu vou atrás dela. Diz-me assim um homem:

- "Aqui é dos homens! Ali é que é das senhoras!"

Eu disse:

- Eu não... Venho aqui buscar uma galinha!

Lá andáramos à procura e encontrei a galinha. Chego cá em cima e perco a patroa. E como é que eu ia para casa? Lá me foram ensinando.

- "Vai por aqui, vai por acolá"

Depois quando eu chegasse à Graça já conhecia. Quando eu entrei em casa eles já estavam a almoçar. Apanhei uns nervos tão grandes! E ela assim:

- "Onde é que tu te meteste?"

Eu contei. Começaram-se todos a rir!

Ganchos, bolos e coelhos

Antigamente eu tinha duas trancitas agarradas, com muito gancho, com medo que elas me caíssem, e uma outra patroa minha disse-me que eu que lhe tinha roubado os ganchos. Caiu-me aquilo tão mal, não estive com mais coisas, vim-me logo embora para casa da minha tia! Mas depois arranjava logo trabalho. Ainda era miúda. Depois lá vinham:

- "Olhe a sua sobrinha que vá lá a cima, que há lá uma senhora que quer."

Lá ia eu.

Uma vez fui para casa de uma, comi tanta clara, que eu já nem podia ver as claras. Ainda hoje não gosto muito. Eles faziam os bolos só com as gemas. Nem era sempre aquele pastelão. Faziam os bolos e metiam num armário na sala de jantar. Um dia quando ela me manda ir pôr a mesa, levava um tabuleiro com os copos, os talheres e o jarro. Mas ela tinha naquele armário os bolos e eu queria comê-los. Primeiro pousava o tabuleiro, mexia os talheres para fazerem barulho, que era para a outra mão ir ao armário tirar os bolos. Quando já tinha a boca cheia, cai-me o tabuleiro, parti tudo! Vim logo despedida! Devia ter aí os meus 17 anos.

- "Então donde é que tu vens a esta hora?"

- Venho de casa da minha patroa! Ela disse que eu que não prestava Menti à minha tia!

- Ela disse que eu não sabia fazer nada e mandou-me embora!

A minha prima Palmira, já morreu, foi lá saber o que é que se tinha passado. E diz ela assim:

- "Ai minha senhora! Ela não lhe contou?"
- "Não!"
- "Então partiu-me uma quantidade de louça."

Descontou-me o dinheiro nos copos que eu parti todos. Levei só aquele dinheiro para a minha tia. Quando ela descobriu levei logo uma chapadona que até bati com a cabeça na parede!

Já em casa de outra senhora assei um coelho com olhos e tudo. O meu patrão era da Marinha. E ele assim:

- "Ó Fernanda traz-me aí uns óculos."
- Ai, fiquei tão arrelhiada. Eu disse:
- Para quê?
 - "Para a pôr ali ao coelho, que ele não tem vista."
- Não tirei os olhos ao coelho, assei-o assim!

A tabaqueira

Mais tarde fui trabalhar para a tabaqueira e ganhava 21 ou o que era. Era muito pouquinho. Depois eles puseram-me a empacotar à mão, que era empreitada, e já ganhava mais. Eu tive uma sorte de ir para ali, que eu sei lá. Fui para trabalhar, para casa de uma senhora tão boa. O marido dela era director da fábrica do tabaco. E ela pediu-lhe para eu ir para lá. Parece que a estou a ouvir, assim:

- "Olha, estás a ver? A Fernanda ficou bem. Agora aonde é que eu vou arranjar uma rapariga assim?"

- "Tu é que tiveste a culpa de ela ir para lá."

No dia que eu fui à inspecção, porque tinha que se ter altura e não se podia entrar grávida, telefona-me ela e diz assim:

- "Ó Fernanda, já sabes que ficastes bem?"
- Fiquei pois. Não havia de ficar?

Diz ela assim:

- "Olha, tens que vir fazer o jantar."
- Não vou, não. Tenha paciência que não vou. Que eu vim agora, já é tarde, e eu tenho as minhas coisas também para fazer.

- "Eu espero aqui por si!"

Eu nunca mais me esquece. Eram pataniscas de bacalhau com arroz de tomate.

- Então mas isto é assim dona Ivone? Então eu venho de lá estar a aturar aqueles homens ali, agora ainda venho aqui?

- "Não me interessa!"

- Mas o Luciano vem comer às nove horas!

- "Eu faço-lhe aí o comer para o senhor Luciano"

O primeiro comer que saía do tacho, ela fazia logo uma coisinha para eu levar. E eu até lhe disse assim:

- Ai, louvado seja Deus! Eu aqui ao pé da casa e ainda tenho que vir aqui. Mas porque é que você não fazia?

E ela assim:

- "Já sabes que a tens que cá vir fazer."

Mais tarde diz-me o cunhado:

- "Tu já sabes o que é que tens que levar para a fábrica?"

- Eu não!

- "Tens que levar um balde, tens que arranjar uma bata de serapilheira e tens que andar lá de joelhos naquele chão, que tens que lavar o chão."

- Não interessa. Já estou acostumada.

Mentira! Era ele para me arreliar. Porque eu fui logo para uma máquina. Ele é que mandava lá e já se sabe que não era preciso estar-lhe a pedir nada. Nas máquinas ganhava-se mais 25 tostões. Ao trabalho de fora, chamava-se o jornal. Quem está a jornal, de fora, para uma ir à casa de banho, tem de ficar no lugar dela na máquina, para varrer o chão, a chegar coisas que é preciso para as máquinas. Eu comecei a ganhar mais na empreitada, a fazer as coisas à mão. Agora nem há as caixas. Vêm aos volumes. O dinheiro era tão pouco e o almoço era 3 escudos e 500 que pagávamos. Era a companhia que pagava o resto.

Eu lá era a rainha daquilo. Depois quando eu fui operada, morreu lá uma rapariga ao pé de mim e disseram que tinha sido eu que tinha morrido. Ai que fim. Nossa Senhora! Nem me quero lembrar. Parou a fábrica, com 1000 e tal pessoas, parou aquilo tudo por minha causa. Foi às oito horas. Passou um colega que disse que tinha morrido uma rapariga ali na Quinta de Ferro e telefonaram para o meu marido. Ele aquele dia entrou mais tarde, não estava às oito horas no serviço. E diz assim:

- "Não. Ela está bem. Está em casa da cunhada. Não há azar nisso."

Já andavam a tirar para as flores, para o meu enterro. Pela minha saúde se não é verdade!

Sonhos *As minha netas e bisneta*

O meu sonho é que a minha bisneta nascesse bem e que as minhas duas netas tivessem sorte.



Tânia Sofia, neta de Fernanda e Luciano Nunes



Rita Andreia, neta de Luciano e Fernanda Nunes

Avaliação "*Engraçado e importante*"

Acho bem este projecto. Acho engraçado e importante que façam este trabalho. Ainda aprendem muita coisa porque são novos.